

Saiba o que se passa nos bastidores de uma das operações mais fascinantes do Vaticano: o processo de canonização

# Morre Um Homem, Nasce Um Santo

ERNEST O. HAUSER

**O**S SANTOS não nascem em árvores. Mas, de vez em quando, um homem ou uma mulher se destaca da multidão, brilha como uma luz suave e desaparece — para pedir por nós no céu (segundo muitos cristãos acreditam ardentemente).

A cristandade está dividida quanto a este assunto. Os protestantes não invocam ou veneram os santos, embora os olhem amigavelmente, e, muitas vezes, têm nomes de santos como Jorge, Martinho, Catarina, Helena. Para os católicos, no entanto, o culto aos santos é uma parte essencial da vida religiosa e da sua comunicação com o Altíssimo. A pessoa afligida pode pedir a um santo no céu para interceder por ela junto a Deus, rezando para os que mais ama, ou para aquele cuja intervenção julga mais provável em seu caso. Essa honorável tradição

ancestral é prudentemente mantida viva pela Igreja de Roma, que, de tempos em tempos, acrescenta um novo nome à sua lista, ou *cânon*, de homens e mulheres que já foram santificados.

As regras observadas para se chegar a essa decisão, cujo intuito básico é manter o alto padrão que o mundo associa à santidade, constituem um dos aspetos menos conhecidos e mais fascinantes dos bastidores do Vaticano. «A proliferação de novos santos é a última coisa que desejamos», disse um importante membro do Vaticano. Assim, Roma coloca inúmeros obstáculos no caminho dos futuros santos, examinando cuidadosamente suas vidas e prestando ouvido sempre condescendente ao notório «Advogado do Diabo», cujo trabalho é detectar falhas que possam ocorrer em todo pedido de canonização.

Não há nenhum atalho para o altar. As almas de cerca de trezentos padres assassinados na Guerra Civil Espanhola de 1936-39, para os quais, espanhóis influentes vêm pedindo a santidade, continuam ainda esperando nas antecâmaras, para dar a todas estas tristes lembranças uma chance de se extinguirem por completo. Mesmo os dois últimos papas, Pio XII e João XXIII, cujas causas estão agora nos estágios preparatórios, devem tomar lugar na fila junto com os mártires, virgens, monges e mendigos. (Só dois papas foram canonizados desde 1588.)

Isto suscitou o desejo de um grande pontífice em acabar com a dúvida e estipular uma lei. As regras então estabelecidas, e ainda hoje praticadas, remontam a Benedito XIV, cuja obra monumental, *Sobre a Beatificação e Canonização dos Servos de Deus*, que foi escrita no ano de 1738, estabeleceu a estrutura do processo atual. Seu aspecto predominante é o direito exclusivo do Papa em conferir a santidade, e a divisão do processo em duas fases principais: *beatificação* (o candidato é declarado «bem-aventurado») e *canonização* (a «santidade» é conferida). Cada fase requer, no mínimo, dois milagres autenticados, registrados *depois* da morte do indivíduo, por pessoas que invocaram seu auxílio. Desde a elevação de Benedito ao papado, a Igreja só canonizou 246 indivíduos. (Durante séculos, os santos eram proclamados tanto nas províncias dis-

tantes quanto em Roma, de modo que hoje não se sabe ao certo quantos são. Os homens da Igreja acreditam que seja um número em torno de doze mil.)

Quase sempre, o movimento para a canonização começa como uma onda. O instinto leva as pessoas de um lugar a sentir que um santo viveu entre elas. Frequentemente, um grupo local de pessoas resolutas forma um comitê que patrocina a causa. O bispo, se reconhecer a causa, dá ciência a Roma, e tendo esta dado seu beneplácito, começa então o processo formal.

O cenário, daí por diante, é modelado segundo um processo criminal. O candidato é primeiro colocado «sob julgamento» na sua região natal. Um grupo de três homens, nomeados pelo bispo, convoca no mínimo dez testemunhas. «Conheceu o homem?» «Observou-o em estado de tensão?» «Fale-nos de como era ele quando encolerizado.» O objetivo desse estágio é descobrir se o candidato possuía «virtudes heróicas» — a prática habitual, com alegria e desprendimento, de valores cristãos tais como a fé, esperança e caridade, num grau invulgar. Todos os seus escritos, incluindo a correspondência privada são examinados. Mostraram-me, num arquivo de Roma, cadernos com rabiscos de infância de um santo em potencial, cuja causa está pendente.

Se tudo corre bem, a causa, endossada por todos os bispos do país do candidato, é enviada a

Roma. Aí é examinada por um dos órgãos do Vaticano mais avessos à publicidade: a Sagrada Congregação Para a Causa dos Santos. Como outras congregações ou departamentos do Vaticano, é constituída por uma comissão de cardeais — 27, neste caso. Um cardeal superior preside como prefeito da congregação, assistido por aproximadamente vinte padres e frades, escolhidos pelo seu conhecimento profundo da alma humana.

Cerca de 1.250 causas estão pendentes, no momento, em vários estágios de maturação. Apenas cinco por cento produzirão frutos. Pode ser que os auspiciantes percam o interesse; ou que os milagres requeridos não venham a se concretizar; ou, mais freqüentemente, que a causa esbarre num dos empecilhos colocados no seu caminho pelo Promotor Geral da Fé, mais conhecido como o «Advogado do Diabo».

Como homem-chave da congregação, esse dignitário deve se esforçar por desqualificar o candidato. Atualmente, o encarregado desta função é um robusto agostiniano, de sobrancelhas cerradas, chamado Padre Rafael Pérez, que goza de prestígio por sua invulgar dureza. No entanto, no seu ensolarado escritório, cheio de livros, ele se transforma numa pessoa jovial, com uma verve histriônica. O secular apelido de Advogado do Diabo o diverte e, está certo de que as pessoas olham para ele à procura de lhe descobrir chifres e cauda.

Entre as objeções que seus antecessores no cargo levantaram está a afirmação de que o Papa Pio X — o pontífice que morreu em 1914 e que foi canonizado em 1954 — não tinha índole de santo. Quando ainda um jovem cura paroquial, não havia avançado sobre um homem que blasfemava, espancando-o com violência? Sim. Rejeitava a objeção. Argumentos mais sérios foram invocados no processo de Francisca Xavier Cabrini (1850-1917), a primeira santa dos Estados Unidos. Essa «simples» imigrante, observou o Advogado do Diabo, mostrou tão agudo senso comercial e tal astúcia em lidar com bens temporais, que suas instituições de caridade se tornaram em pouco tempo um florescente império financeiro. Essa habilidade em amontoar riqueza poderia conciliar-se com as virtudes cristãs? Evidentemente que sim. Madre Cabrini foi canonizada em 1946.

Para proteger o futuro santo da fúria do Advogado do Diabo, os patrocinadores encarregam da «defesa» um postulante, escolhido entre os clérigos experientes residentes em Roma. As investidas da «acusação» são rebatidas, ponto a ponto, e, finalmente, uma série de volumes impressos, contendo os argumentos, é depositada na Congregação. Os cardeais, em sessão solene, votam. Se ganham os votos a favor, o «Servo de Deus» se torna o «Venerável», com o que se completa o primeiro passo para a beatificação do candidato.

Mas a santidade não depende só das virtudes. A Igreja pede a confirmação de fenômenos sobrenaturais. Aqui nos defrontamos com a parte mais controversa do processo. São necessários dois milagres para que o candidato seja beatificado, e mais dois antes da canonização. (No caso de mártires, o sacrifício da morte substitui os dois primeiros.) Os milagres tidos como realizados pelo candidato durante sua vida não contam. Só quando as pessoas se dirigiram a ele depois de sua morte, pedindo-lhe ajuda, e ele atende a essas súplicas, é que o mérito lhe será creditado. «Nesse ponto há alguma controvérsia», disseram-me. «Veja, não é o futuro santo quem faz esses milagres, mas o próprio Deus por seu intermédio.»

«Devagar muito devagar, eis a nossa divisa», disse-me um membro da Congregação. Entretanto, se o candidato é exatamente o exemplo do que Roma procura, ele pode saltar todos os obstáculos com rapidez surpreendente. Thérèse de Lisieux (Santa Teresinha) foi canonizada em meio a uma chuva de milagres, em 1925, apenas onze anos depois de sua causa ter sido proposta, e só 28 anos após sua morte.

Quando o grande dia, longamente esperado, chega afinal — quando a função do júri terminou, e chega o momento do Papa — a magia enche

o ar. Celebrada na Basílica de São Pedro, a cerimônia de canonização é um dos rituais mais impressionantes que a Igreja oferece. O Papa, ladeado pelos seus cardeais trajando brilhante roxo-púrpura, oficia no altar-mor, enquanto cerca de dez mil visitantes, procedentes de todo o mundo, se amontoam na vasta nave central e nas laterais. Um retrato descomunal do Bem-Aventurado é exposto. O famoso coro da Capela Sistina, ajudado pelo grande órgão, entoa antigos hinos. A um dado sinal, o postulante da causa se adianta para apresentar ao Papa as tradicionais ofertas de pão, vinho e pombas brancas, pedindo-lhe formalmente que canonize seu postulado. O Advogado do Diabo prova pelo seu semblante alegre que é um bom perdedor. Acompanhado pelo repique festivo dos sinos, o Pontífice proclama solenemente, perante a imensa multidão de fiéis, a santidade do candidato.

Daí em diante, os 615 milhões de católicos romanos do mundo podem incluir esse santo em suas orações. Igrejas e crianças serão batizadas com seu nome. E as comunidades católicas celebrarão a festa do dia — o dia da morte terrestre, início de sua vida no céu.

Que expressão pode, melhor do que esta, significar o que se passou? Morre um homem, nasce um santo.



O CAMPEÃO belga de ciclismo, Eddy Merckx, avisa os condutores de automóveis: «Quando tiverem de ultrapassar um ciclista, ao menos deixem-lhe espaço suficiente para cair.»

— *Domenica del Corriere*, Milão